

Grupo de crianças pedindo esmola — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Caetano Alberto

Não só nas letras, tambem nas artes, a copia, a imitação servil dos modelos estranhos, tem quasi apagado entre nós o cunho da nacionalidade nas obras de litteratura e de bellas artes.

Estas, sobretudo, tem vivido seculos em Portugal reproduzindo a mythologia, multiplicando quadros sacros, doidejando allegorias.

Só d'estas fontes bebiam poetas e pintores, como se não tivessem na terra da patria riquissimos caudaes! Foi assim que a pouco e pouco desappareceu a arte nacional em todas as suas manifestações.

Pela parte que nos toca, como jornal illustrado pelo desenho, temos procurado sempre reproduzir com preferencia a nossa architectura, as nossas paizagens, os nossos typos, usos, costumes e antiguidades. E para que se veja quanto até agora se tem desprezado as riquezas proprias, para ir admirar as alheias, declarâmos affoitamente que hemos achado quasi tudo inédito!

As estampas originaes que temos publicado, composição dos novos professores da academia ou do nosso collaborador artistico, o sr. Nogueira da Silva, são todas de assumpto nacional.

O grupo de crianças pedindo esmola, que hoje apresentâmos, reproduz, nas physionomias e nos trajos, esses pobresinhos de provincia que vem ás estradas, ou estancêam ás portas das estalagens, implorando a caridade dos passageiros.

É esta uma das phases viciosas da mendicidade entre nós. Os rapazes e raparigas, ás vezes agrupados em familias, alguns bem enroupados, que até nos suburbios de Lisboa vem ás estradas pedir esmola aos passageiros, não são propriamente mendigos; são filhos de jornaleiros, que não tendo bastante para os sustentar, os mandam pedir para a estrada, alguns já de edade em que podiam ganhar seu tanto, se não estivessem habituados a este reprehensivel e ocioso modo de vida.

Foi um d'estes quadros populares que o sr. Nogueira da Silva compoz com mão de mestre.

Alliando a arte com a naturalidade, e a correcção do desenho com a verosimilhança dos typos, formou um bello grupo, primando não só pela boa disposição e gesto das figuras, pela expressão submissa dos que mendigam, e todas ellas tem, mas pelo mesmo ar de familia, que logo á primeira vista nos dá a conhecer que todos quatro são irmãos.

Outro merito tem ainda este quadro; é que representando pobres mendigos, todo elle respira aceio e compostura. Murillo tem sido censurado, com razão, por ter pintado o seu *rapaz mendigo* immundo e ascoroso. Teniers tambem incorreu muita vez n'este defeito; defeito dizemos, porque a trivialidade não é arte, nem o sordido e repugnante se deve reproduzir tal qual.

Devemos acrescentar, que esta boa gravura é o primeiro trabalho, em ponto maior, de um discipulo do sr. Nogueira da Silva. Este seu discipulo acredita o mestre; e nós folgâmos de ver que apparece um mancebo com talento para uma arte em que tão poucos tem sobresaído entre nós.

O ANJO DA CARIDADE

III

PRIMEIRO ANDAR

PEDITORIO NA EGREJA DE S. GERMANO

(Vid. pag. 244)

Cinco minutos depois entrou mr. de Vincy. Com muitas expressões e carinhos de verdadeiro affecto, entregou-lhe, sorrindo, uma linda caixinha de marfim marchetada de prata. Esta caixinha continha uma pulseira de oiro esmaltado, de primoroso lavor, a mesma que madama de Vincy tinha admirado com a *discreta* Victoria, e de que havia, sem desejo nem segunda tenção, fallado a seu marido.

— Estimo que gostes d'ella, disse mr. de Vincy, querendo poupar a sua esposa os agradecimentos que ella ia dar-lhe. Tenho ainda uma coisa a dizer-te que te causará maior prazer.

Madama de Vincy ergueu meigamente os lindos olhos para interrogar seu esposo.

Encontrei Alberto, que me preveniu de que se contava comtigo para seres uma das senhoras que hão de pedir para os pobres, durante a missa que a nossa associação de soccorros vae mandar dizer, hoje mesmo, na egreja de S. Germano. Disse-lhe que sim. Fiz bem ou mal?

— Fizeste muito bem — respondeu mad. de Vincy, cujos olhos brilharam de alegria, — tanto mais que o inverno ha de ser rigoroso, e os nossos pobres terão grande necessidade de soccorro. Deus queira que façâmos uma colheita abundante de esmolas.

Ah! os labios d'esta dama fallavam dos pobres, e do manto de compaixão que se deve estender sobre a sua miseria, como Deus estende o da sua misericordia sobre a nossa fragilidade; mas no coração tinha outra linguagem!

Esta linguagem intima, que ella se envergonharia de proferir em voz alta, descrevia-lhe os brilhantes adornos que ia ostentar para sobresahir a todas as outras senhoras convidadas para o mesmo acto de caridade; segredava-lhe a approvação que ia felicital-a pelo seu bom gosto e elegancia; anticipava-lhe os louvores que lhe prodigalisariam todos os seus conhecidos. Comtudo madama de Vincy era boa e honesta; mas tinha-se deixado curvar demasiado ao imperio da vaidade e do amor da ostentação.

Abriu todas as gavetas e as portas do seu guarda-vestidos, tirou um de setim azul, que ainda ninguem tinha visto, um bello chale de cachemira, cuja belleza lhe tinha attrahido já numerosos elogios, e por ultimo finas e largas rendas para ornar os braços e o collo.

— Com o chapeo de veludo branco que mandei enfeitar de plumas, e a linda pulseira que me trouxeste, parece-me que vou bem!

Mr. de Vincy olhava para sua mulher e sorria-se de ver tanta alegria.

— Ora eu não podia recusar-me a este peditorio, porque é uma boa obra, e ha tantos infelizes para soccorrer!

Entremeando assim a preoccupação dos seus enfeites, e a idéa do pretexto que devia guial-a, madama de Vincy ia de uma gaveta a outra, tomava nas mãos todos os objectos que alli guardava; recordava-se do baile onde levára este toucado de perolas; o jantar onde lhe tinham invejado uma preciosa berthe de renda ingleza; a visita onde lhe tinham admirado aquella rica pelliça, e não reparava que o tempo corria rapidamente.

Almoçou á pressa, e chamou Victoria.

Esta, já vestida e enfeitada maravilhosamente com o presente de sua ama, quiz exceder-se para lhe testimunhar o seu reconhecimento: nunca tinha empregado tanto desvelo e cuidado em vestir a senhora, a qual, depois de se mirar e remirar ao espelho, agradeceu-lhe com um sorriso, e foi para a carruagem.

Eram dez horas; principiava a missa. As tres amigas de madama de Vincy, que deviam com ella sollicitar para os pobres os dons da caridade, estavam já sentadas umas ao pé das outras, e apertaram-se mais para lhe dar logar. Depois dos primeiros sons das harmonias do orgão, que nenhuma outra eguala em magestade, as encantadoras jovens, depondo a sua offerta na bolsa de veludo, destinada para o peditorio, começaram a cumprir a sua missão. Eram todas graciosas, e vestidas com elegancia; porém madama de Vincy, além das graças naturaes da sua belleza e mocidade, excedia muito as suas amigas, e deveu sem duvida ficar satisfeita, porque todos os olhos a contemplavam com prazer, e a collecta foi além das suas esperanças.

Esta missão de beneficencia durou tres quartos de hora, findos os quaes as jovens damas foram entregar a bolsa a um padre ancião, em cuja fronte a serenidade da alma se confundia com a bondade do coração, inspirando respeito e confiança.

— Deus vos abençôe, senhoras, lhes disse risonhamente o digno sacerdote; e permitta que o anno começado por uma boa obra seja para vós cheio de prosperidade.

Estas simples e affectuosas palavras tingiram de um quasi imperceptivel rubor as faces de madama de Vincy; porque lhe pareceu ouvir a voz da consciencia perguntar-lhe em segredo:

«É na verdade por uma boa obra que tu começaste o novo anno?...»

Mas isto foi um relampago fugitivo; porque alguns minutos depois entrava ella em casa ufana do seu triumpho, e convencida de que tinha praticado um acto de pura caridade.

IV

SEGUNDO ANDAR

O BAILE DE SUBSCRIPÇÃO

O pequeno quarto do segundo andar, que habitavam Isabel e Beatriz, estava alumiado muito tempo antes de amanhecer. Ambas, alegres e risonhas, conversavam em voz baixa, porque apenas um gabinetesinho as separava da alcova de sua mãe, que julgavam estar ainda dormindo; mas ella havia já uma hora que estava de joelhos diante do seu oratorio, implorando as bençãos do Senhor sobre aquellas que eram toda a sua alegria.

— Que felicidade — disse Isabel, encantadora menina de dezeseis annos, mais graciosa que bonita, soltando dos papelotes os magnificos anneis de lustroso cabello, seu mais bello adorno, porque ella era doente e de extrema pallidez; — que felicidade termos um baile improvisado para esta noite pela nossa amiga Bertha! Um baile para os pobres! Isto serve de bem para elles e de prazer para nós. Tenho pressa de ver o effeito da grinalda que inventei. Este dia vae-me parecer muito comprido. E tu, minha Beatriz, não dizes nada?

— Eu — respondeu a irmã, mais velha um anno que Isabel, menos crescida porém mais forte, e de um rosto encantador; — eu penso n'essa pobre Luiza que gosta tanto de bailes, e que não poderá ir a este por estar na cama com uma febre intermittente.

É triste, na verdade, mas que lhe queres fazer? Se nos affligirmos demasiado, com isso não fica Luiza alliviada, e nós padecemos tambem. Parece-me que

vale mais resignarmo-nos, e aproveitarmos os raros momentos em que podêmos gozar um pouco de prazer.

Beatriz nada respondeu, mas suspirou. Era uma santa menina, cuja alma parecia ter sido formada para a mais completa abnegação; nunca pensava em si senão quando tinha exhaurido a sua bondade e dedicação com todas as pessoas que ella amava.

Depois de um quarto de hora dado aos primeiros cuidados do toucador, as duas irmãs foram bater muito devagarinho á porta do quarto de sua mãe, e n'um abrir e fechar de olhos estavam ambas abraçadas a ella, cobrindo-a de beijos, que eram affectuosamente retribuidos com toda a egualdade; porque ainda que madama de la Ferriere conhecesse que da sua querida Beatriz é que recebia mais provas de ternura e affeição, comtudo nunca havia deixado perceber que reconhecia esta differença.

— Então, minhas filhas, lhes disse a boa da mãe depois d'aquella doce expansão, não vos falta nada para o baile d'esta noite?

— Não, minha mãe, respondeu Isabel, a costureira deve trazer-nos ao meio dia os nossos vestidos, e tudo o mais está prompto.

— Eu tambem, minhas filhas, me não esqueci d'este dia. Ha um anno que vos levo algumas vezes aos bailes, e sempre com os mesmos enfeites; julguei que não vos seria desagradavel varial-os.

Dizendo estas palavras, madama de la Ferriere abriu uma gaveta da sua escrevaninha, e mostrou a suas filhas brincos, pulseiras e broches que lhes tinha comprado. Isabel estava tremula de prazer, mas Beatriz parecia olhar e não ver.

— Tu estás doente, minha filha, perguntou a terna mãe com visivel anxiedade?

— Não, minha querida mãe, mas falta-me uma coisa para este baile...

— Então o quê, filha?

— Alegria, minha mãe; Luiza, a boa Luiza que se privava de seus passeios para vir sentar-se á cabeceira de meu leito, quando eu estive doente o anno passado, e distrahir-me com leituras interessantes, Luiza agora é que está doente, e eu antes queria... mas receio desgostar Isabel deixando-a ir só.

— Tu querias passar a noite com Luiza? — exclamou a leviana Isabel. Oh! mana, isso não me causa outro desgosto senão o de te ver privada da dança de que tanto gosto; por minha parte admiro o teu sacrificio, mas não teria coragem para imital-o. Se a nossa querida mãe quer levar-me comsigo, e te deixa ir para casa de Luiza, ambas ficaremos satisfeitas a nosso modo.

— Sim, minhas filhas; mas primeiro é necessario que eu reclame da nossa thesoureira os vinte francos da subscripção de Beatriz, visto ella não ir ao baile.

— Oh! que diz, minha mãe, replicou Beatriz, acredita que o meu pensamento subscrevendo não foi antes soccorrer os pobres do que desfructar o divertimento que se me offerecia?

— Tu vales mais do que eu, disse Isabel ensaiando uma valsa nova; estimo que os pobres tirem muito proveito, mas não me pesa de gozar eu tambem.

Á noite, em quanto os sons inebriantes da orchestra transportavam Isabel de prazer, e a animavam e vigoravam por instantes, contemplando-a sua mãe com tristeza, porque pensava no futuro d'aquella menina, que só tinha forças quando se tratava de divertimentos; Beatriz, meio occulta sob as cortinas de uma alcova, dizia á sua amiga, que lhe apertava as mãos com reconhecimento, e lhe requeimava as faces com os labios ardentes de febre:

— Para que me fallas tu em sacrificios, minha Luiza? Eu é que sou egoista, porque acho duas alegrias na mesma origem; uma em ter dado a esmola, outra em retribuir-te o que fizeste por mim o anno passado.

No dia seguinte, Isabel levantou-se ás onze horas, opprimida de cançaço e mais desmaiada ainda que de costume. Ia sobreposse guardar nos seus logares os adereços de baile, quando viu que Beatriz, que já estava ao piano, lhe tinha adivinhado o pensamento, reparando a desordem em que fica o toucador de uma dama no dia seguinte a um baile.

— Ah!, disse comsigo mesmo Isabel, é que minha irmã recolheu-se mais cedo, dormiu melhor do que eu; e estou certa de que não tem hoje as insupportaveis dores de cabeça que estou soffrendo.

Isabel fazia um raciocinio exacto; mas, se conduzisse o seu pensamento mais longe, reconheceria qual era a causa dos seus padecimentos, e a da saude que gozava sua irmã.

(Continúa) D. MARIA RITA CHIAPPE CADET.

ESTATUA DE FRANKLIN

(Vid. pag. 239)

E não foi só de proveito para os ricos este instituto; o preço da subscripção era tão moderado, que até os menos abastados podiam entrar na companhia. D'este modo contribuiu Franklin para derramar entre os seus concidadãos um certo grau de instrucção que outros paizes não tinham.

Em 1752 publicou elle o *Almanak do bom homem Ricardo*, obra notavel por conter grande numero de maximas simples e praticas, todas encaminhadas a fazer sentir as vantagens da industria e da frugalidade. Este almanak era destinado principalmente aos que, vivendo nas raias da colonia, absorvidos no trabalho e nos cuidados domesticos, pouco tempo podiam consagrar á leitura. Franklin queria que nehuma classe nem das mais desvalidas, ficasse privada de instrucção.

Um simples typographo fazia então a bem da America o que os governos da Europa tinham descurado por orgulho, ou temido por fraqueza!

Muitos annos successivos saiu este almanak, e no ultimo de todos foram as maximas compiladas n'um volume intitulado o *Caminho da fortuna* ou a *Sciencia do bom Ricardo*. Esta obra foi logo traduzida em muitas linguas, inclusivè na portugueza, citada e extractada geralmente. E ainda hoje é considerada como o melhor systema de economia pratica que tem apparecido. Tudo alli é comprehensivel á mais limitada intelligencia; a linguagem é sempre natural, ás vezes trivial; mas as observações são profundas, atiladas, e feitas por modo que sem esforço convencem; a arte e o engenho estão alli occultos de maneira que só os descobre quem for mui versado.

Por este tempo começou Franklin a tomar parte, ainda que indirectamente, nos negocios publicos. Tratava-se de fazer uma nova emissão de papel-moeda. Todo o que tinha sido creado até então na Pensilvania não excedia a 15:000 libras esterlinas, e devia ser extincto. Todos os homens abastados se oppunham tenazmente a que o creassem de novo. Franklin, convencido de que a primeira emissão decretada em 1723 tinha feito muitos beneficios áquella provincia, favorecendo o commercio e a industria, publicou um folheto intitulado: *Observações sobre a natureza e necessidade de um papel moeda*. Este escripto foi mui bem recebido pelo povo, mas desagradou aos ricos, porque reforçava a opinião publica a favor do projecto da nova emissão. Como porém não havia no partido dos ricos nenhum escriptor capaz

de refutar o folheto de Franklin, a opposição calou-se, e a nova emissão foi votada pela assembléa da provincia.

A typographia de Franklin prosperou rapidamente, e dentro em pouco ficou elle sendo o unico proprietario. Quando tinha já um bom peculio das suas economias, resolveu tomar estado; e no primeiro de setembro de 1730 casou com miss. Rend, que muito o auxiliou na administração da sua officina, e com a qual viveu sempre em perfeita união.

O talento de Franklin, e os serviços que tinha prestado á sua patria, attrahiram a attenção do governo, que o nomeou secretario da assembléa geral da Pensilvania, sendo depois eleito deputado pela cidade de Philadelphia. A estas funcções reuniu a de director do correio. Apresentou muitos projectos para a organisação policial de Philadelphia, para a creação de uma companhia de seguros contra os incendios, e outros que foram approvados.

Quando em 1744 a Inglaterra declarou guerra á França, alguns francezes, e tambem os naturaes do paiz, fizeram varias excursões pelas fronteiras de Philadelphia. Os habitantes não estavam em estado de se defender; era mister dar-lhes armas. A assembléa reuniu-se muitas vezes sem tomar resolução. A provincia, exposta a continuas invasões, estava em sobresalto permanente. N'esta crise tomou Franklin a iniciativa, propondo que se creasse uma associação voluntaria para a defesa do paiz. O seu plano era tão bem concebido, e teve tão unanime assenso, que mais de trezentas pessoas o assignaram immediatamente. Enviaram-se copias para todas as provincias, e em pouco tempo o numero das assignaturas se elevou a dez mil. Franklin foi preferido para coronel do regimento de Philadelphia, mas elle declinou esta honra. Não havia dinheiro para fortificar a cidade, Franklin alcançou-o immediatamente por meio de uma loteria, cujo plano traçou.

No meio dos cuidados que exigiam os negocios publicos, e a direcção do seu estabelecimento, Franklin tinha ainda tempo para estudar e se instruir. A sua primeira educação, como já vimos, fôra interrompida, mui limitada, e completamente estranha ás sciencias physicas; mas elle trabalhava com ardor por se distinguir n'este ramo com algum descobrimento de importancia.

A physica estava então mui longe do estado em que a conhecemos. Tinha-se descoberto a existencia do fluido electrico; conhecia-se uma parte das suas propriedades e effeitos; mas os physicos não o comprehendiam satisfactoriamente. Franklin foi o primeiro que achou a explicação theorica dos phenomenos electricos.

Em 1742, depois de ter verificado a analogia que existe entre os effeitos do raio e os da electricidade, concebeu Franklin a audaciosa e admiravel idéa de dominar o raio, ou ao menos de preservar as habitações do damno que elle causa. Comtudo só em 1752 é que elle publicou este grande descobrimento. O methodo que a principio propoz, era collocar n'uma pyramide elevada uma torrinha sobre a qual se pozesse uma agulha de ferro. Pensava elle que as nuvens que passassem por cima da agulha lhe communicariam uma parte da sua electricidade.

Philadelphia não tinha n'esse tempo nenhum edificio proprio para esta experiencia. Tratou-se logo de levantar uma pyramide para este fim; mas em quanto Franklin esperava impacientemente pela conclusão da obra, lembrou-se de que poderia ter um accesso mais rapido á região das nuvens por meio de um papagaio. Fêl-o, não de papel, mas de seda, para poder resistir á chuva, estendendo um lenço sobre duas hastes cruzadas, tendo a que ficava vertical uma ponteira de ferro. O cordel era de linho, mas elle atou-lhe na ponta um cordão de seda, cuja extremidade prendeu a uma chave.

Apenas se armou uma trovoada, Franklin saiu para um campo dos arredores de Philadelphia. Foi só com seu filho, a quem unicamente tinha communicado a sua idéa, porque temia o ridiculo que tantas vezes fere as experiencias que se encaminham ao progresso das sciencias, quando não surtem o effeito promettido.

(Continua)

ANTIGUIDADES DE NINIVE

Já démos noticia [1] do descobrimento das ruinas da famosa cidade de Ninive, e das escavações que os governos de França e de Inglaterra alli tinham mandado fazer, d'onde se esperavam grandes riquezas archeologicas, talvez as maiores que n'este seculo se hajam descoberto.

Com effeito, muitas peças desenterradas d'aquellas ruinas tem já sido transportadas para a Europa, e reproduzidas pela gravura. Muitas d'ellas está publicando o *Tour du Monde*, d'onde tencionâmos copiar as mais interessantes.

Suppunham os antiquarios, que a celebre capital do imperio da Assyria era situada no logar onde hoje está uma aldeia chamada Nunia, no bachalato de Bagadad, perto da margem oriental do rio Tigre. Mas não era ahi.

M. Bota, consul de França em Mossul, cidade do referido bachalato, na Turquia asiatica, notára que n'uma aldeia chamada Korsabad, defronte de Mossul, havia um monte facticio, por cujas fendas, largas e profundas, se viam grandes camadas de tijolo cimentado com bitume. Este sitio já tinha sido observado por diversos archeologos, e em differentes epochas, mas com quanto todos concordassem ter alli havido um edificio, cidadella, templo, ou palacio; comtudo não se achava peça completa por onde se podesse determinar a especie, epocha ou construcção do monumento. Em summa, ninguem pelos fragmentos que alli appareciam tinha podido verificar o caracter da arte assyria; pelo que se julgavam perdidas as esperanças de achar a verdadeira situação de Ninive.

M. Bota, porém, não desistiu de fazer novas excursões ao monte de Korsabad; até que em 1842, achou entre o massame de tijolo emboçado de bitume, alguns fragmentos de pedra cinzenta, gypsosa, com visos de esculptura meio apagada, mas que denunciavam bom cinzel, e de estilo singular. Deu logo parte ao seu governo d'este achado; e pouco tempo depois partia para Mossul uma commissão archeologica, tocando primeiro em Constantinopla, a fim de obter do sultão um firman para se proceder ás necessarias escavações. Os representantes das cortes européas em Constantinopla, com inveja de verem a França ir apossar-se das riquezas archeologicas que promettiam as ruinas de Ninive, oppozeram-se á concessão do firman; mas a final venceu o embaixador francez, e o firman foi expedido.

Com esta auctorisação se apresentou ao bachá de Mossul o commissario francez, o sabio archeologo Eugenio Flandin.

Era porém necessario expropriar todas as casas de que se compunha a aldeia de Korsabad, empreza difficil, porque os arabes suppõem que os europeus não fazem escavações senão para desenterrar thesouros escondidos; e quando vêem desentulhar monumentos que tenham esculptura, horrorisam-se, porque o seu fanatismo lhes faz crer que são obras do demonio. Além d'isto, expropriar os musulmanos em proveito dos christãos, para do seio da sua terra

[1] A pag. 92 do I vol.

tirar *obras do demonio*, era um commettimento arriscado.

Soube porém mr. Flandin, que os habitantes de Korsabad desejavam largar o monte em que moravam, para irem estabelecer-se no valle onde corria uma ribeira, e aproveitou-se do ensejo para a troco de algumas piastras comprar-lhes as casas do monte, para com este dinheiro construirem as suas novas habitações ao pé da ribeira.

Adquirido assim o terreno, faltavam ainda os braços para as escavações, porque a isso é que não se prestavam os turcos. Mas succedeu n'aquella conjuncção uma revolta dos kurdos contra as tribus christãs das montanhas no Kurdistan, as quaes vieram refugiar-se em Mossul, implorando a compaixão dos seus irmãos em Christo.

Foram estes infelizes, descendentes dos Caldeus (cuja lingua fallavam) que tinham edificado Ninive, e a viram reduzir a cinzas, foram elles que dois mil e quinhentos annos depois, exhumaram os restos calcinados da grande cidade, e deram á sciencia e á incansavel investigação d'este seculo, as obras de uma arte ignorada, que a barbaria dos povos do Norte, e a inveja rancorosa dos da Mesopotamia, tinham feito desapparecer, e occultado até hoje.

(*Continua*)



Minotauro achado nas escavações de Ninive

EMBAIXADA DE PORTUGAL Á CHINA EM 1725

(Conclusão. Vid. pag. 246)

«Sabendo que, além d'isto, tinha de receber por varios tribunaes outras muitas coisas para el-rei de Portugal, para si e para a sua comitiva, por ser costume presentear todos com alguma coisa por despedida, constou-lhe que lhe haviam de dar 300$000 réis; e hesitando em acceital-os, recorreu ao imperador que respondeu—«que o embaixador não tinha ido a pagar tributo, nem fazer commercio, ou outro algum negocio mais que o de saber da sua saude da parte do seu rei; e que assim andava bem em não querer receber os 300$000 réis, que o tribunal lhe dava na fórma do costume; que elle tinha dado um conto de réis ao embaixador pela estimação que d'elle fazia, e assim se não podia lembrar mandar ao seu rei 300$000 réis; e folgaria que isto chegasse á noticia del-rei de Portugal, e de todos os da Europa.»

«Seguiu-se logo a entrega de varias peças de seda, que o embaixador recebeu com todo o aceio para sua magestade; depois recebeu, de joelhos, as peças de seda que a elle deram, e o valor de cem mil réis em prata; e depois se seguiu a repartição dos mais, ainda que premios limitados, que todos postos de joelhos por sua ordem receberam. Concluiu-se o acto com tornarmos todos a bater nove vezes cabeça ao mesmo tempo, servindo-nos para esta ceremonia de compasso uma voz que ouviamos do mestre das ceremonias; e a fórma foi a seguinte.»

«Primeiramente postos todos de pé com os chapeos na cabeça (é contra a politica da China o estar descoberto) com as mãos estendidas ao natural ouvia-se a voz *kuey*, e então ajoelhavamos; ouvida a voz *ko-teu*, tocavamos a terra com ambas as mãos e com a cabeça. Postos outra vez de joelhos, ao som da mesma voz, que se repetia, tocavamos duas vezes mais a terra. Ouvida a voz *he-lay* nos levantavamos e nos punhamos como no principio; e esta ceremonia se repetiu tres vezes ao compasso das mesmas vozes, que se repetiam até encher o *san-kuei-san-pay*, isto é, ajoelhar tres vezes, e de cada uma bater tres vezes cabeça.»

Saiu o embaixador de Pekin a 16 de julho para Chan-kia-van, aldeia onde tinha desembarcado antes de entrar na corte, e alli o vieram esperar al-

guns padres portuguezes e estrangeiros, e um mandarim poyam-ba, ou mordomo do palacio, que o convidou para um banquete. Continuou a embaixada a sua viagem, sempre acompanhada pelo conductor tartaro.

Chegando a Cantão a 25 de novembro, foram muito bem recebidos os portuguezes, e alli se demoraram alguns dias, gastos em visitas e em banquetes, a que os mandarins os convidavam.

Entraram em Macau a 8 de dezembro. Houve festas e arcos pelas ruas, tudo promovido por Francisco Xavier Doutel, de Bragança; e sendo no dia 13 o festejo dos annos do imperador, continuou o regozijo publico. O senado deu um grande banquete á sua custa, e quando se despediu o conductor tartaro, o mimoseou com um presente avaliado em mais de um conto de réis, sem contar muitas coisas que alguns particulares lhe deram; e foi acompanhado até fóra da cidade pelo mesmo senado, nobreza, e pelo embaixador.

A 17 de janeiro de 1728 saíu de Macau a nau Madre de Deus, e chegando ao Rio de Janeiro, onde tinha de se demorar para vender as fazendas que trazia da China, passou o embaixador para os navios da frota que partia para Portugal, onde aportou a 21 de novembro de 1728, tendo gasto n'esta viagem tres annos, sete mezes e alguns dias.

D'esta fórma concluiu o dr. Metello a sua missão, sendo depois agraciado com o cargo de conselheiro do conselho ultramarino, como nos diz D. Antonio Caetano de Sousa na Hist. Gen. T. VIII. pag. 257.

MEMORIA DO PRESENTE QUE EL-REI NOSSO SENHOR MANDOU AO IMPERADOR DA CHINA

Um cofre de metal doirado, guarnecido de coral e filagrana de prata: leva dentro dois fios de grossas contas, um de pedra chamada onix: leva mais um frasquinho de pedra victorina, guarnecido de oiro; uma caixa de oiro esmaltada, outra de alambre guarnecida de oiro; outra de agatha guarnecida de oiro; outra de victorina guarnecida de prata; outra de pasta azul guarnecida de prata; duas de madreperola guarnecidas de prata doirada; quatro da ultima moda, tres de madreperola, e uma de tartaruga; e tudo isto vae em uma caixa forrada por fóra de veludo verde, e por dentro de chamalote da mesma côr guarnecida de passamanes, fechaduras e argolas de prata.

Um cofre de cristal de roca lavrado e guarnecido de metal doirado, que leva cincoenta e quatro vidros de essencias cheirosas; vae em caixa similhante em tudo á primeira.

Outra egual caixa com tres peças de tissu, uma côr de fogo e oiro, com 34 covados e tres quartas, outra da mesma côr com oiro e prata com 35 covados e tres quartas, e outra de sarja de oiro com 35 covados e tres quartas: vão embrulhadas em nobreza verde guarnecida de renda de prata.

Outra egual caixa com uma peça de tissu gredelem e prata com 38 covados e tres quartas; outra côr de fogo, prata e oiro com 38 covados e tres quartas; outra de sarja de prata com 25 covados e tres quartas: tafetá similhante.

Um caixão, como as sobreditas, com duas peças de panno fino, uma escarlate com 24 covados, outra de côr mais subida com 24 covados, envoltas em tafetá com guarnição de prata.

Outro caixão similhante com duas peças de panno amarello, uma mais clara com 23 covados, outra mais gemmada com 24, em similhante tafetá.

Uma caixa como as antecedentes com um montante colubrino de guarnição e punho de prata lavrada, bainha de veludo recamada de prata, a ponteira de prata, em bolsa de veludo forrada de chamalote, guarnecida de passamanes de prata; uma espada larga de manoplas, envernizada de charão verde coberta de uma chapa de prata transfurada, esculpida com lavores de cinzel, com bainha similhante forrada e bordada. Uma espada colubrina, e uma adarga com guarnições de aço, com boldrié de veludo bordado de prata, e fivela de gancho de prata lavrada com cinzel, e tudo com bolsa similhante.

Outra caixa similhante leva um esmerilhão de cano trochado de prata, e tambem a coronha, guarda-mão, e braçadeiras: uma bolsa e patrona de veludo verde bordado de prata, com polvarinho chapeado: uma espingarda trochada de oiro com capa uniforme, cartuxeira e polvarinho recamados, com suas bolsas uniformes.

Duas frasqueiras forradas, cada uma com seis frascos cristallinos lavrados, e cheios de tabaco de amostrinha.

Duas similhantes com seis frascos cristallinos, quatro de balsamo de copaiba, quatro de balsamo de S. Thomé, dois de balsamo do Perú e dois do Brasil.

Duas frasqueiras com doze frascos cristallinos lavrados com pastilhas de perfume de tres castas.

Duas frasqueiras com frascos similhantes, cheios de pastilhas de bocca de tres castas, brancas, de cachundé, e de canella.

Quatro frasqueiras com frascos similhantes, porém doze em cada uma: uma de rosa-solis vermelha, outra côr de oiro, outra de vinho branco, e a ultima de vinho tinto.

Um caixote pequeno forrado de veludo guarnecido como os mais, com tres pedaços grandes de pedra victorina.

Outro com quatorze pastas de esmaltes de varias côres.

Dois caixões grandes forrados só por dentro de serafina, que levam dois bofetes de marmore negro de Cintra com pés de ébano.

Dois similhantes com dois bofetes de pedra amarella de Cintra com pés de polete.

Dois similhantes com dois bofetes lavrados e embutidos com pés de ébano.

Dois similhantes com uma tapessaria de nove pannos com paizes e casas, forrados de carmesim.

Além d'este presente leva o embaixador para mostrar, um cofre em que vão cincoenta e seis especies de moedas, que se cunham actualmente nos estados del-rei na Europa, Asia e America, com seu real nome, de oiro, prata e cobre.

Vae um caixão com seis espingardas de munição com bayonetas, patronas, e mais fornimentos conforme são armados os regimentos de infanteria de sua magestade.

Leva da sua parte para o imperador uma caixa forrada e guarnecida, como as do presente, em que ia um talher de prata com galhetas de cristal de bom lavor; uma peça de marfim na qual se vê um globo perfeitamente torneado por dentro e por fóra, causando admiração verem-se dentro dois pedaços de marfim tambem torneados e pintados, maiores que o pequeno furâme por onde não podiam entrar, tudo feito ao torno.

MEMORIA DO QUE SUA MAGESTADE MANDOU ENTREGAR A ALEXANDRE METELLO DE SOUSA E MENEZES ALÉM DO PRESENTE PARA O IMPERADOR

Duas frasqueiras de moscovia com pregaria doirada, com doze frascos de vinho, quatro canadas em cada frasco.

Duas de veludo verde com passamanes de prata, pregaria e ferragem doirada; uma com doze fras-

cos cristallinos e bocaes de prata, outra com dezoito frascos cristallinos, cheios todos de tabaco.

Uma de veludo carmesim com doze ditos, bocaes de prata, cheios de tabaco.

Outra de chamalote verde com pregaria doirada, com quarenta e oito frascos cristallinos de vidro cheios de pastilhas de bocca sorteadas.

Uma de marroquim com quarenta e oito frascos de vidro ditos, com pastilhas de bocca.

Duas de marroquim com doze frascos redondos de vidro dito, com balsamo.

Tres de marroquim com quatro frascos cada uma, com bocaes de prata, cheios de tabaco.

Uma de marroquim com quatro frascos, ditos, bocaes de vidro, cheios de pastilhas de perfume.

Uma de marroquim com quatro frascos, ditos, com pastilhas de canella de cachundé.

Uma de marroquim com dezoito frascos ditos, com bocaes de prata, cheios de tabaco.

Tres mais pequenas de marroquim com pregaria doirada, de seis frascos esmaltados cheios de copaiba.

Uma de marroquim com seis frascos cheios de balsamo.

Duas de moscovia com doze frascos grandes, ditos, e redondos, cheios de marmelada.

Cincoenta cocos de balsamo.

Vinte e quatro caixinhas de prata de balsamo apopletico.

Um vaso de estanho com meio arratel do dito balsamo.

Um estojo mathematico.

Um toucador cheio de flores de seda.

Dezoito frascos de tabaco, sorteados.

Uma frasqueira com dezoito frascos de tabaco.

Duas frasqueiras de carneira com pregaria doirada, com trinta e seis frascos de tabaco.

Duas frasqueiras de carneira com trinta frascos dito.

Uma de marroquim com dezoito frascos de tabaco.

Tudo isto vae em nove caixões com a marca ER.

Além do sobredito se entregaram ao capitão mais caixões com a mesma marca, em que ia o seguinte:

Onze caixas de prata para tabaco.

Treze de prata lisa.

Cinco lavradas.

Tres com tampas e fundos de madreperola.

Duas com tampas e fundos de victorina.

Uma com tampa e fundo de alambre.

Uma peça do mesmo.

Dois estojos pequenos, um de madreperola, outro de lixa.

Oito medalhas de prata da creação da academia real.

Doze medalhas feitas na occasião da armada do Levante.

Um jogo de moedas que actualmente se cunham.

Tres caixas grandes de oleos e pomadas de cheiro de varias especies, duas d'estas bordadas, e uma pintada.

Seis cofres cobertos de prata, com oleos e pomadas.

VESTIDOS DO EMBAIXADOR

Quatro vestidos [1] de estofos ricos todos bordados, com suas meias; o primeiro de camelão de seda acanellado, todo bordado de prata; o segundo de veludo pardo e oiro, com veste [2] de tissu de oiro; o terceiro de panno gredelem, com veste de tissu de prata bordado de oiro; o quarto de estofo azul de oiro com veste de tissu de prata todo guarnecido de espiguilha de prata.

Dois chapeos bordados, um de oiro, outro de prata.

Quatro laços, dois de oiro e dois de prata, para os hombros e para o espadim.

VESTIDOS PARA OS GENTIS-HOMENS

Um de panno côr de cinza todo bordado de oiro.

Um de panno pardo, bordado de oiro e prata; veste de setim encarnado tambem bordada.

Um de estofo gredelem de prata; veste de tissu, casas bordadas de oiro.

Um de estofo de prata bordado de oiro; veste de tissu gredelem e prata.

Um de estofo de oiro com veste de tissu bordada de prata.

Um de estofo pardo de seda com ponto de espiguilha de prata; veste de tissu de prata.

Um de panno berne com ponto de espiguilha de prata, e veste de tissu de prata.

Todos estes vestidos tem meias, e chapeos apassamanados, espadim com guarnição de prata e cabelleiras, e plumas para os chapeos; mais nove vestidos com meias para os mesmos; mais oito roclós de panno berne apassamanados de prata.

VESTIDOS DOS LACAIOS

Quinze librés de corte de panno azul com vestes e canhões de panno berne, apassamanadas de prata com vivos de veludo amarello, com meias, espadins, cabelleiras, gravatas e chapeos agaloados.

Dezesete roclós de panno azul com galões de prata.

Dezesete librés de campanha de panno azul mais inferior, com vestes de panno encarnado com galões de prata, meias, chapeos ordinarios, cabelleiras e gravatas.

ESPADA DEL-REI D. AFFONSO HENRIQUES

Foi esta a espada que libertou Portugal da dependencia de Castella; que conquistou aos moiros Lisboa, Santarem, Palmella, Leiria e outras terras; a que fundou em Ourique a monarchia portugueza.

Até á extincção das ordens religiosas, a espada de D. Affonso Henriques conservou-se junta ao seu tumulo na capella-mór de Santa Cruz de Coimbra; depois foi transferida para o museu do Porto, onde se acha, e alli foi tirado o desenho que hoje apresentâmos.

É sabido que el-rei D. Sebastião, quando partiu para a desastrosa jornada d'Africa, levou a espada e o escudo de D. Affonso Henriques. Não tendo porém desembarcado estas armas, quando a armada regressou ao reino foram estes dois monumentos restituidos ao convento de Santa Cruz. É isto o que affirmam os nossos antigos chronistas.

Modernamente o douto padre Manuel da Cruz Pereira Coutinho, redactor do *Antiquario Conimbricense* [1], publicando o *fac-simile* da carta original que D. Sebastião escrevêra ao prior de Santa Cruz, pedindo que lhe emprestasse a espada e o escudo de D. Affonso Henriques, diz que o secretario geral do districto de Coimbra tinha ordenado um escrupuloso exame nos papeis do archivo pertencentes ao cartorio de Santa Cruz, com o intento de descobrir alguns documentos por onde se possa evidenciar se aquellas armas foram effectivamente restituidas ao mosteiro ou não.

Ignorâmos porém qual foi o resultado d'esta investigação.

[1] *Vestido* chamava-se a uma especie de casaco, que então se usava.

[2] *Veste* corresponde ao colete, porém mais comprido.

[1] D'este importante periodico apenas sairam 9 numeros em 1841.

Do modo por que estas armas saíram de Santa Cruz, é que ha documento e testimunhos authenticos. Eis o que diz D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes:*

«Depois de ter assistido no dia 20 de outubro de 1750 a um doutoramento na universidade, passou D. Sebastião a visitar as sepulturas de D. Affonso Henriques e D. Sancho. O prior-mór lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastião, e com grande veneração a beijou, dizendo aos fidalgos da sua comitiva: «*Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas!* Esta é a espada que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos mouros, sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração.» E entregando-a ao prior geral de quem a recebêra, lhe disse: — «Guardae, padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os moiros d'Africa.»

Passados oito annos, lembrado el-rei d'estas palavras, a mandou pedir ao geral de Santa Cruz, D. Pedro d'Assumpção, para com ella derrotar na expedição d'Africa os sequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinham sido sanguinolentas victimas; porém como estava determinada a ultima ruina d'esta coroa, não permittiu a Providencia que fosse vencida uma espada sempre victoriosa, ficando por esquecimento na armada em que el-rei navegou para a Africa.»

A carta del-rei para o prior de Santa Cruz tinha-se extraviado quando se fez a mudança do cartorio do convento; mas o sr. Santa Rita, então secretario do governo civil, conseguiu a restituição, e depois de permittir que d'ella se tirasse o *fac-simile* que saíu no primeiro numero do *Antiquario*, remetteu-a para a torre do Tombo.

D'esse *fac-simile* é que é o traslado que vamos apresentar, com a seguinte nota que lhe poz o mesmo sr. Pereira Coutinho:

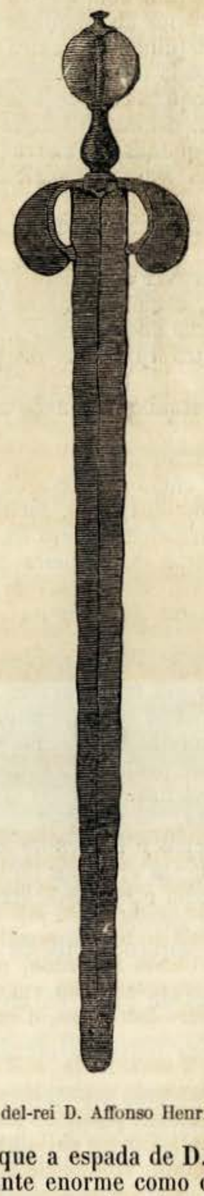
«Duas razões nos persuadiram á publicação d'esta carta. Primeira, porque as obras impressas em que ella se acha não estão ao alcance de todos. Segunda, porque a copia que vem na Chron. dos Conegos de Santo Agostinho, onde Barbosa foi beber, além de omissa em partes, está quasi toda viciada, talvez por impericia ou negligencia de quem a trasladou.»

«Padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu me tenho publicado em haver de fazer por mim com ajuda de Nosso Senhor uma empreza em Africa, por muitas e mui grandes razões, mui importantes ao bem de meus reinos, e de toda Hespanha, de que tambem resulta beneficio á christandade, o que me pareceu escrever-vos assim para encommendardes ao Nosso Senhor o bom successo d'esta empreza, que por seu serviço faço, como para vos dizer que desejo levar n'ella a espada e escudo d'aquelle grande e valoroso primeiro rei d'este reino D. Affonso Henriques, cuja sepultura está n'esse mosteiro, porque espero em Nosso Senhor que com estas armas me dê as victorias que el-rei D. Affonso com ellas teve. Pelo que vos encommendo muito que logo mas mandeis por dois religiosos d'esse convento que para isso elegereis. E como eu embora tornar, as tornarei a enviar a esse mosteiro, para as terdes na veneração e guarda que é devido a cujas foram, e por tudo. E por aqui entendereis que as não quero senão emprestadas para o effeito a que vou, e de quão grande contentamento isto é para mim. Escripta em Lisboa a 14 de março de 1578. — Rei.

«Para o padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.»

Acrescenta mais o chronista de Santa Cruz:

«Recebida esta carta, mandou logo o padre prior limpar a espada do glorioso rei D. Affonso, e fazer-lhe uma bainha de veludo, com sua ponteira de prata doirada, e uma caixa preta em que fosse mettida com sua chave, e fechadura doirada; e outra caixa preta em que fosse o escudo do mesmo santo rei, para irem estas armas com mais resguardo e veneração, e as mandou pelo vigario do mesmo mosteiro de Santa Cruz, D. Jeronymo, varão de grande auctoridade e de boa presença, que as entregou a el-rei, o qual as recebeu com grande gosto e contentamento, dizendo, que se Deus lhe dava a victoria que esperava, promettia de fazer canonizar o glorioso rei D. Affonso, como já o intentára fazer el-rei João III seu senhor e avô.»



Espada del-rei D. Affonso Henriques

Muitos julgam que a espada de D. Affonso Henriques é um montante enorme como o de Ferrabraz; pois enganam-se, porque é curta e estreita a que se guarda como coisa d'elle. Póde ser que tivesse outra; mas esta deve ser a mesma que viu el-rei D. Sebastião em Santa Cruz de Coimbra, porque á vista d'ella exclamou: Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas!

Em quanto não vimos a espada, suppozemos sempre que estas palavras eram ironicas; mas depois reconhecemos que D. Sebastião se admirára com fundamento.

Explicação do enigma do numero 28.

A fortuna cega, cega os seus.